



## JUVENTUDE E AGROECOLOGIA: PASSOS FIRMES DA RESISTÊNCIA CAMPONESA

Youth and agroecology: firm steps of peasant resistance

**Araújo, Albertina Maria Ribeiro Brito de<sup>1,5</sup>; Araújo, Alexandre Eduardo de<sup>1,6</sup>;  
Vieira, Ana Maria Trindade de Sousa<sup>7</sup>; Silva, Roberval Manoel<sup>2</sup>; Silva, Rayana Vanessa Alves<sup>3</sup>;  
Santana, Maria do Céu Silva Batista de<sup>4</sup>; Santana, Katarine<sup>1,8</sup>; Galdino, Maria Gabriela<sup>1,9</sup> e  
Antunes, David Max<sup>1,10</sup>.**

### RESUMO

Essa narrativa aborda a temática juventude e agroecologia, foi fruto do processo de sistematização de experiências desencadeado no Território Agroecológico da Borborema-PB, por iniciativa da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA). O Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Agroecologia de Bananeiras-PB, sistematizou sua experiência para contribuir com a reflexão das experiências locais protagonizadas pelas juventudes envolvidas com a transição agroecológica. O processo começou com oficinas de sensibilização e vários encontros que culminaram com esta narrativa. O Núcleo, contribuiu com o trabalho em rede, da qual participa várias instituições e fortaleceu as organizações do Território. A articulação interinstitucional é protagonizada pelo movimento sindical dos agricultores familiares, assessoria técnica e universidades. As ações são inspiradas na Educação Popular e fortalecem as juventudes do campo. A ação educativa é multidimensional em manejo de agroecossistemas sustentáveis.

**Palavras-chave:** Diálogo de Saberes, Reprodução Social, Campesinato.

### ABSTRACT

This narrative approaches the theme of youth and agroecology, was the result of the systematization of experiences triggered in the Agroecological Territory of Borborema-PB, at the initiative of the Brazilian Association of Agroecology (ABA). The Center for Teaching, Research and Extension in Agroecology of Bananeiras-PB, systematized its experience to contribute to the reflection of the local experiences carried out by the youths involved with the agroecological transition. The process began with awareness workshops and several encounters culminating in this narrative. The Nucleus contributed to networking, in which various institutions participate and strengthened the organizations of the Territory. The interinstitutional articulation is carried out by the union movement of the familiar farmers, technical advice and universities. The actions are inspired by Popular Education and strengthen the youth of the field. The educational action is multidimensional in the management of sustainable agroecosystems.

**Keywords:** Dialogue of Knowledge, Social Reproduction, Peasantry.

<sup>1</sup> UFPB/CCHSA,

<sup>2</sup> ASPTA. E-mail: [roberval@aspta.org.br](mailto:roberval@aspta.org.br)

<sup>3</sup> UFPEL. E-mail: [rayana.vanessa@hotmail.com](mailto:rayana.vanessa@hotmail.com)

<sup>4</sup> Polo Sindical da Borborema. E-mail: [c-eum@hotmail.com](mailto:c-eum@hotmail.com)

<sup>5</sup> E-mail: [albertinari@hotmail.com](mailto:albertinari@hotmail.com)

<sup>6</sup> E-mail: [alexandreduardodearaujo@hotmail.com](mailto:alexandreduardodearaujo@hotmail.com)

<sup>7</sup> E-mail: [anamaria-ca@hotmail.com](mailto:anamaria-ca@hotmail.com)

<sup>8</sup> E-mail: [katbisse@gmail.com](mailto:katbisse@gmail.com)

<sup>9</sup> E-mail: [gabystr@hotmail.com](mailto:gabystr@hotmail.com)

<sup>10</sup> E-mail: [davidatunes@gmail.com](mailto:davidatunes@gmail.com)

**Recebido em:**

15/08/2017

**Aceito para publicação em:**

04/05/2018

**Correspondência para:**

[albertinari@hotmail.com](mailto:albertinari@hotmail.com)

## Tomando ciência para fortalecer a resistência

O desenvolvimento sustentável no campo, em bases agroecológicas, deve fomentar debates concernentes à crise na reprodução da agricultura familiar, cujas reflexões, por vezes, giram em torno de como construir condições propícias à permanência da juventude no campo. Para contribuir com estas reflexões, fica cada vez mais clara a necessidade de estudar as especificidades que caracterizam as diferentes juventudes camponesas, suas realidades, anseios e perspectivas. Embora os estudos sobre juventude, ou sobre jovens, ocupem espaços importantes na pesquisa brasileira, eles não incorporam toda a complexidade da realidade relacionada aos jovens.

É necessária a análise do contexto regional no qual os jovens estão inseridos para uma melhor compreensão dessa complexidade, pois as realidades e identidades são específicas às características históricas de suas localidades. Entender essas especificidades possibilita não generalizar e, conseqüentemente, não invisibilizar características peculiares a determinadas localidades. A invisibilidade das experiências sociais locais pelas ciências sociais hegemônicas, segundo Boaventura de Sousa Santos (2007), é preocupante, pois pode desperdiçá-las apenas porque ocorrem em lugares remotos. Este desprezo pelas experiências locais está diretamente ligado à grande influência da racionalidade dominante no Norte sobre as ciências sociais, a qual se considera única e exclusiva, além de não visualizar as dinâmicas locais inesgotáveis do mundo.

Para o fortalecimento das dinâmicas locais, as quais são peculiares, como bem afirma Santos (2007), é preciso registrar a história cultural dessas dinâmicas e sistematizá-las de forma participativa. A sistematização possibilita a reconstituição coletiva da história sentida e experienciada nas individualidades das memórias dos sujeitos locais. Isso reanima quem conta o que vivenciou e ativa a percepção dos sujeitos mais jovens, quanto ao pertencimento a essas histórias.

Por isso, a necessidade de sistematizar, para revisitá-las e não as deixar adormecidas, ou até mesmo perdidas, junto com as histórias dos que contribuíram com a formação, o esclarecimento, a emancipação, bem como com o conhecimento local, produzido a partir da realidade das pessoas, na prática, como maneira de viver e de pensar. Prática esta que, nas palavras de Holliday (2006, p. 56), é entendida em seu sentido profundo e não simplesmente de “atividades” frias e quantificáveis:

[...] é uma maneira de viver nossa cotidianidade, com toda a subjetividade de nosso ser pessoas, que é muito mais que só o que “fazemos”, e que inclui, portanto, o que pensamos, intuimos, sentimos, cremos, sonhamos, esperamos, queremos. Além do mais, tudo o que fazemos e vivemos tem para cada um de nós um determinado sentido: uma justificativa, uma explicação, uma orientação, uma razão de ser.

Tais práticas estão ameaçadas, pois, de acordo com Puntel et al. (2011, p. 17), o campo está se transformando “em um espaço cada vez mais heterogêneo e desigual, onde a juventude é afetada de maneira mais dramática pela dinâmica de diluição de fronteiras entre o espaço urbano e rural, associada à falta de perspectivas para quem vive da agricultura [...]”, o que leva ao esvaziamento do campo.

Essas mudanças ocorridas no mundo rural contemporâneo afetam a construção dos projetos de vida dos núcleos familiares e, principalmente, da juventude camponesa, que necessita reelaborar estratégias familiares ou individuais em cenários sociais e econômicos distintos (COSTA, 2011).

A compreensão da situação contemporânea e suas implicações são fundamentais para que sejam elaboradas ações para modificar, amenizar ou adaptar essa nova dinâmica demográfica rural (FROEHLICH et al., 2011 p. 1680).

A construção de condições que possibilitem a agricultura familiar se autossustentar e lidar com as questões do processo sucessório, transpassa pela compreensão de seu processo histórico, a partir dos fatores endógenos e exógenos que influem na formação dos jovens (DOTTO, 2011, p. 17),

pois os desafios enfrentados pela juventude da agricultura familiar do Brasil na atualidade têm raiz no processo histórico, iniciado com a colonização (SILVA e BATISTA, 2011).

A juventude é fundamental para os processos sucessórios do campo e da agricultura familiar, enquanto modo de vida, de produção e, conseqüentemente, para alcançar os desenvolvimentos sustentáveis em todas as dimensões da unidade de produção familiar, inclusive na dimensão técnico-econômica e ambiental. Contudo, a questão da juventude camponesa não foi e não é prioridade do governo e de suas políticas públicas. Por exemplo, os jovens são responsáveis apenas por 15% das Declarações de Aptidão ao Pronaf (DAP) e recebem apenas 29% dos atendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER - MDA, 2014).

Essas são algumas das razões que tornam imprescindível olhar a questão da juventude camponesa, uma vez que esta reflete na construção, na manutenção e no fortalecimento da agricultura familiar, que é desenvolvida pelo trabalho em família, em que os(as) filhos(as) se apresentam como sujeitos atuantes dentro das dinâmicas produtivas (VIEIRA, 2010).

O objetivo da narrativa aqui apresentada foi de contribuir com a reflexão de experiências protagonizadas pelas juventudes do Território da Borborema (PB), implicadas na transição agroecológica, assim como identificar as lições para a ampliação da agroecologia, sistematizando as ações do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Agroecologia de Bananeiras-PB. Para isso foram realizados encontros para a construção do processo de sistematização, que começou com oficinas de sensibilização, quando se discutiu a importância da sistematização para o fortalecimento da memória histórica territorial, coletivamente construída. Em seguida, tivemos oficinas de revisitação à memória coletiva das resistências dos povos desse Território e culminamos com a escrita coletiva/colaborativa, que conta com a participação dos sujeitos envolvidos com o processo de sistematização das experiências das juventudes do Território Agroecológico da Borborema-PB, à luz dos acontecimentos desencadeados e dos caminhos protagonizados por elas.

O Território da Borborema localiza-se no Agreste paraibano, na região do Semiárido Brasileiro. Dentre as características de resistência no Semiárido, um dos elementos mais fortes é a construção histórica e política dos sujeitos organizados coletivamente, que se mobilizam em torno do fortalecimento de identidades que historicamente, passam por tentativas de processos de invisibilização. Basta nos debruçarmos, por exemplo, na gênese de redes sociais solidárias no contexto do Semiárido, que perceberemos como os sujeitos se forjam em processos endógenos vivenciados e experienciados pelas próprias pessoas desse contexto.

### **Caminhos metodológicos**

A sistematização nasceu da demanda apresentada pelo projeto “Sistematização de experiências: construção e socialização de conhecimentos -o protagonismo dos Núcleos e Rede de Núcleos de Estudos em Agroecologia das universidades públicas brasileiras”, uma iniciativa da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), com o objetivo de fortalecer processos de construção participativa e socialização de conhecimentos agroecológicos.

Para realizar a sistematização, foi organizado um grupo de animação local, que mobilizou e concretizou oficinas de sensibilização sobre a importância de sistematizar, seguidas de encontros e oficinas de revisitação à história, que fortaleceram a memória histórica, coletivamente construída, das resistências dos povos do Território. A sistematização culminou com oficinas de escrita coletiva com a participação dos sujeitos envolvidos. A sistematização contou, com sujeitos sociais envolvidos, em sua maioria, nas dinâmicas locais do Polo da Borborema.

Dos debates e reflexões coletivas na construção de narrativas históricas, participaram mais de 60 pessoas, envolvendo agricultores e agricultoras experimentadores participantes das dinâmicas do Polo da Borborema e AS-PTA (Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa), estudantes e professores dos cursos de Agroecologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB, Campus Bananeiras),

da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, Campus Lagoa Seca), do Instituto Federal da Paraíba (IFPB, campi Picuí, Sousa e Sumé), todos(as) envolvidos(as) com os Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs) de suas instituições de ensino.

A análise das narrativas foi mediada pela análise interpretativa e pela metodologia de sistematização de experiências (RENDA, 2017), que consiste em “um instrumento que permite olhar analítica e criticamente para o vivido e o experimentado”.

## Juntando retalhos

Procuramos juntar os retalhos de pelo menos três décadas de organização social protagonizada, especialmente, pelos movimentos sociais do campo, orquestrados pelo Polo Sindical da Borborema e assessorados pela organização não governamental AS-PTA, que desde o final dos anos 1990 articulam sujeitos que protagonizam ações em agroecologia. Esse esforço de concertação culminou, no ano de 2008, na constituição da Rede de Construção do Conhecimento Agroecológico. Após uma série de reflexões iniciadas, em 2010, por esta Rede, adotou-se a estratégia de mobilização a partir da institucionalização de um Núcleo de Agroecologia. A UFPB Bananeiras foi escolhida como espaço de acolhimento do Núcleo, denominado Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Agroecologia de Bananeiras, cujo objetivo seria “apoiar, fortalecer e articular as ações da Rede de Construção do Conhecimento Agroecológico do Território da Borborema” provocando a construção e socialização do conhecimento agroecológico, comprometidas com a inovação tecnológica compatível com o desenvolvimento sustentável das atividades produtivas e a melhoria da qualidade de vida das populações camponesas.

Com a sistematização de experiências, realizada com base nos pressupostos da educação popular, vivenciamos o reencontro com fatos do passado, a partir da socialização de histórias, que permitiu leituras sobre os acontecimentos vividos e suas implicações no presente. A sistematização foi fundamental para permitir uma melhor compreensão sobre os processos vividos, para quem vivenciou e para quem se incorporou após os acontecimentos, para manter a memória dos processos sociais viva. O processo de sistematização de experiências, realizado com sujeitos que participaram dos fatos, permitiu que a história fosse escrita à luz de pessoas que são parte proativa e viva na história, implicadas com os acontecimentos e sabedoras das intencionalidades do Núcleo de Agroecologia do Território da Borborema.

Dentre a diversidade de temas que o Núcleo contribuiu no Território, identificou-se, coletivamente, que aqueles ligados à juventude e às mulheres eram chaves e mais evidentemente se relacionavam aos diferentes sujeitos e organizações envolvidas na sistematização. Com o desenvolvimento do processo de sistematização pela equipe de sistematização e pelas revisitações ao rio do tempo, tornou-se cada vez mais evidente para as pessoas envolvidas, que o eixo a ser trabalhado na sistematização deveria ser o de Juventudes.

Foi possível identificar o quanto as dinâmicas sociais do Território influenciaram a universidade para que esta passasse a se interessar e direcionar as ações acadêmicas que contribuíssem com a agroecologia. Assim, percebeu-se que a Agroecologia na Borborema não começou dentro da universidade, ao contrário, foi o movimento da sociedade que influenciou a universidade na criação de dinâmicas para fortalecimento da agroecologia no âmbito institucional e estimulou a participação do espaço acadêmico nas dinâmicas que acontecem fora de seus muros. Tais dinâmicas contribuíram para a formação dos jovens universitários.

Na perspectiva de superar os muros da Universidade e construir outras relações com as comunidades, organizações e movimentos sociais do campo atuantes no Território da Borborema, surgiram iniciativas de ensino, pesquisa e extensão embasados nas demandas e suscitações dos sujeitos atuantes no Território. Algumas destas iniciativas aconteceram a partir do ano 2009, quando no Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA) e Colégio Agrícola Vidal de Negreiros (CAVN), realizou-se um processo de Intervivência Universitária, em parceria com algumas instituições e organizações do

Território. Foi um processo de formação com jovens agricultores e agricultoras oriundos de comunidades e assentamentos rurais. Na Intervivência os jovens do campo passaram por um processo de vivência na Universidade, que contribuiu para a formação dos mesmos, a qual fora baseada no fortalecimento da agricultura familiar agroecológica e na perspectiva do protagonismo da juventude como agente multiplicador em suas comunidades. Associados a esse processo, aconteceram, também, projetos de extensão em comunidades e assentamentos, nos quais foram os jovens universitários em processo de formação profissional que vivenciaram as experiências das juventudes em suas comunidades.

Foi em meio a uma diversidade de ações em Agroecologia protagonizadas pelos agricultores e agricultoras assessorados pelas organizações e movimentos, que a universidade começou a construir uma nova relação de troca de conhecimentos com as juventudes deste Território. De acordo com o Professor Alexandre Eduardo, foi no Território que nasceu o Núcleo do Campus Bananeiras da UFPB, fruto da demanda social do Território, com o objetivo de ampliar os espaços de atuação da agroecologia tanto para dentro, quanto para fora da universidade.

Boa parte da riqueza desse processo vivenciado no Território ocorre devido ao trabalho consolidado e realizado pelo Polo Sindical da Borborema, assessorado pela AS-PTA que desenvolve ações de fortalecimento da Agricultura Familiar com crianças e jovens filhos e filhas de agricultores desde 2002. Esse trabalho iniciou-se com a “Campanha de Fortalecimento da Vida na Agricultura Familiar”, um projeto voltado, especialmente, para crianças e adolescentes com o intuito de desenvolver a reflexão e a valorização das experiências camponesas e suas práticas agroecológicas. Trata-se de um trabalho que se expandiu e, hoje, muitas das crianças que participaram desse processo tornaram-se jovens atuantes nas dinâmicas sociais de suas comunidades, sindicatos e na própria organização do Polo Sindical. Os jovens passaram a se integrar nas experiências dessa organização sindical, atuando nas suas diversas comissões temáticas, a exemplo das comissões de criação animal, mercados, sementes, saúde e alimentação, recursos hídricos e outros.

Ao passo em que os jovens se envolviam nas comissões temáticas, também se fortaleciam no trabalho dentro das unidades de produção familiar e se aproximavam do trabalho de base dos sindicatos, associações e grupos nos seus respectivos municípios, como externalizado pela jovem abaixo:

Desde criança aprendi a valorizar a minha identidade camponesa, a partir de minha participação na Campanha de Fortalecimento da Vida na Agricultura Familiar. Desde os 08 anos de idade. As atividades desenvolvidas pela ASPTA juntamente com o STR de Massaranduba e a associação comunitária, proporcionaram um momento único, de valorização, troca de conhecimentos, aprendizado e partilha (Jovem Agricultora).

As experiências das juventudes se expandiram no Território Agroecológico da Borborema e, em 2010, realizou-se o I Encontro da Juventude Camponesa do Polo Sindical da Borborema, quando foi formada a Comissão de Juventude, que se tornou referência no trabalho de Juventude neste território. A comissão de Juventude nasceu dentro do movimento, a partir das inquietações e demandas dos jovens que passam a se relacionar mais intimamente com as dinâmicas locais. Tal relação configura, por um lado, uma oportunidade de sensibilização e abertura das organizações para o novo. Por outro lado, também apresenta desafios, como o conflito de gerações, quando os jovens, seja na família ou em algumas organizações esbarram nos velhos estereótipos de que “jovem não quer nada com a vida”, “jovem não quer trabalhar”, “jovem não tem responsabilidade” e afins. Diante desses desafios e embasados na expressiva expansão dos trabalhos dos jovens, o Polo atualmente assume a pauta da Juventude como mais uma prioridade em seu trabalho.

No mesmo percurso desse movimento juvenil, na perspectiva das organizações e movimentos do campo, outro movimento se fortalece, desta vez, dentro das universidades presentes no Território, a exemplo do MAE (Movimento Agroecológico Estudantil) e do MECA (Movimento de Educação do Campo e Agroecologia). O MAE surgiu no Centro de Ciências Agrárias da UFPB, campus Areia, ainda na

década de 90, mas se rearticulou na segunda década desse século. O MECA (2017) nasceu da experiência de jovens estudantes do Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias da UFPB Bananeiras, no ano de 2009. O MECA também é fruto de um processo de formação, no qual jovens estudantes começaram a se relacionar com as comunidades, organizações e movimentos camponeses, por meio de projetos que traziam perspectivas de qualificação do diálogo da universidade com as organizações locais.

Este coletivo tem sido inspirador para o surgimento de expressões culturais, tais como a poesia, a exemplo de algumas estrofes partilhadas abaixo pelos jovens (MECA, 2017):

O MECA é um movimento  
Que agora eu vou falar  
Aberto pros estudantes  
Pra qualquer um participar  
Seja na Mesopotâmia  
Seja em qualquer lugar

Dia 30 de março  
É seu aniversário  
Que todos parabenizam  
Por esse dia lendário  
Concretizando momentos  
De acordo com o calendário

A importância do MECA  
Vem contribuir com gratidão  
Junto com o homem do campo  
Que planta milho e Feijão  
Sem preconceito de cor  
Raça Credo ou Religião

Encerando estes poemas  
Vamos todos aprender  
A arte do coletivo  
Serve para todo o ser  
Vivendo e aprendendo  
Buscando sempre o saber.

Dentre as experiências exitosas protagonizadas pelo MECA, ressalta-se a experiência do Sítio Agroecológico, localizado em uma unidade de produção familiar, na comunidade Salgado, município de Casserengue-PB. O Sítio Agroecológico foi fundado em 2009, está em plena atividade e é voltado para um processo de transição agroecológica. Em 2009, jovens agricultores, estudantes na época, no anseio de colocar a agroecologia em prática na sua comunidade, por meio de processos de educação popular em agroecologia, se mobilizaram com outros estudantes, professores da UFPB (Campus Areia e Bananeiras), bem como pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e realizaram experiências exitosas com uso e conservação da água, cultivo de algodão agroecológico, cultivo de plantas xerófilas, manejo da caatinga, educação popular e Educação para a Convivência com o Semiárido. Ao longo dos anos, o Sítio Agroecológico tornou-se um espaço de referência para estudantes dos cursos Técnico em Agropecuária (Colégio Agrícola Vidal de Negreiros/UFPB), de Graduação em Ciências Agrárias e Agroecologia, além de pós-graduação, principalmente da UFPB. O sítio foi, e ainda é, espaço de desenvolvimento de experimentos e pesquisas de base agroecológica, bem como espaço de vivências para jovens em processo de formação profissional.

O Sítio Agroecológico contribuiu para o reconhecimento da identidade do jovem camponês, a partir do seu contexto de vida, o que é importante para a autoafirmação dos mesmos enquanto sujeito histórico participante dos processos em transformação, como pode ser observado nas falas a seguir:

A agricultura pra mim é importante por quê? Porque sem a agricultura ninguém vive, porque se o campo não planta a cidade não janta! Pra mim ... é um prazer tá lá. (sic) (Jovem agricultor. Ala Jovem do Polo Sindical).

A agricultura representa pra mim tudo, né. Eu sou formado, sou professor, mas eu não tenho vergonha de dizer na sala de aula que eu sou agricultor primeiro, né? Todo evento, onde eu me apresento, pode ser pra o presidente, um deputado, pra quem eu já me apresentei na minha vida, pra meus alunos, meus amigos, eu não tenho vergonha de dizer que sou agricultor né. Porque eu não encaro a agricultura como uma coisa ruim, como os nossos pais já encararam, né? Acho que é isso que falta, né? Eu encaro como uma coisa boa, maravilhosa e a gente tem que fazer assim. (sic) (Jovem agricultor. Assentado da Reforma Agrária. Licenciado em Ciências Agrárias).

O trabalho no Sítio Agroecológico Salgado também contribuiu para mobilizar a comunidade do Salgado e outras comunidades vizinhas, que foram integrantes de espaços de formação articuladas junto à universidade e às organizações locais. A exemplo da comunidade Pedrinha D'água, onde existe um grupo de jovens que se mobilizou para enfrentar a migração dos jovens da comunidade por falta de perspectiva em relação à geração de renda. O grupo se formou, inicialmente, com o objetivo de realizar alguma atividade que gerasse renda para a juventude, como relatado a seguir:

Em 2008 começamos com o projeto Raízes, primeiro, vendendo produto de limpeza e, depois pensamos em montar uma fábrica. Os nossos próprios pais começaram a falar que nós estávamos doidos. Começamos, então, a produzir polpa de fruta e com um ano a gente já começou a ter retorno financeiro, e os outros jovens começaram a perceber e se juntar ao grupo. Hoje somos um grupo de 15 jovens, temos nossa sede que foi construída com apoio do projeto Raízes e da AS-PTA. Antes, muitos jovens viajavam para trabalhar em São Paulo e hoje já não querem mais, hoje a gente tem de tudo na comunidade, wi-fi... Antes os jovens de lá pensavam que só quem podia estudar na universidade eram filhos de rico, e agora eles veem que podem.

Todas as minhas experiências que venho vivendo (sic) me levam a pensar que estou no caminho certo, prestes a realizar o sonho de ver os jovens da minha comunidade, morando aqui sem precisar ir procurar um futuro lá fora (Jovens agricultoras do Sítio Pedrinha D'água/Casserengue-PB).

No sítio, com a agroecologia, os jovens despertaram interesses em identificar caminhos para superação de seus limites, em especial à fragilização da identidade, ao machismo e outras impossibilidades socialmente construídas que permeiam o imaginário em virtude dos preconceitos com o campo. A ressignificação de suas realidades permitiu aos jovens interagir intencionalmente na transformação social, na qual passaram a buscar alternativas viáveis no intuito de transformar o lugar das ausências no lugar das possibilidades econômicas, sociais, culturais, ecológicas, políticas e institucionais.

O sítio agroecológico é apenas um ambiente a mais dentre os diversos e distintos existentes no Território Agroecológico da Borborema, onde as juventudes construíram e continuam construindo a agroecologia, em constante comunicação entre si. Se por um lado, neste Território, as dinâmicas sociais catalisam processos formativos que mobilizam, nas comunidades do campo, grupos de jovens desde a infância, aglutinados em torno de temas geradores voltados à Agroecologia, por outro lado, as juventudes universitárias caminham na organização de seus pares a partir de coletivos que lhes possibilitam o empoderamento prático e teórico do conhecimento agroecológico.

Em nosso Território, a Agroecologia entra processualmente na vida das pessoas, propiciando reflexões e análises contextualizadas com a convivência com o semiárido brasileiro, contribuindo com a ressignificação de ações individuais e coletivas, preceituando o diálogo de saberes e a construção de conhecimentos relevantes na vida dos sujeitos porque lhes permitem empoderamento e emancipação. Assim, a construção agroecológica vai se caracterizando como um movimento de luta popular por autonomia e bem viver, fundamentado na organização social coletiva, participativa e na construção popular da ciência a partir da busca sistemática de respostas concretas para problemas reais vivenciados pelas famílias camponesas.

A pedagogia do trabalho, vivenciada entre instituições que atuam no Território, de certa forma, é fortalecida pelo apoio de redes que colaboram na superação das dificuldades de infraestrutura, logística e custeio. No entanto, permite o aprimoramento metodológico multidimensional e transdisciplinar da construção, da sistematização e da prática do conhecimento agroecológico, desencadeadas e protagonizadas pelas juventudes, além de fortalecidas enquanto Núcleo de Agroecologia.

## Educação, juventude e agroecologia

Uma parte significativa das vidas dos jovens camponeses é vivida dentro da escola formal. Contudo, observa-se que o sistema oficial de educação, via de regra, não tem o compromisso com o fortalecimento da identidade camponesa dos jovens do campo. A escola chega a negligenciar as experiências das comunidades rurais e, com isso, corrobora com a visão dicotômica campo x cidade, caricaturando o campo como um lugar de fragilidades e impossibilidades.

No Território da Borborema, as organizações e as instituições do campo agroecológico, na luta por conquistar a educação que as juventudes querem e precisam, reconhecem que as dinâmicas sociais locais, as experiências e as vivências cotidianas são fontes de conhecimento e contribuem para superar os desafios locais. Quando falamos de vivências nos remetemos ao que se vive, ao que se experimenta e se socializa, ao que está presente no cotidiano, na realidade das pessoas, na prática como maneira de viver e de pensar.

Freire (2001) parte do princípio que os processos de ensino e aprendizagem nas escolas do campo são conduzidos de maneira elitista, autoritária e aristocrata. O resultado dessa postura é a subestimação da capacidade criadora dos camponeses e camponesas, bem como o desprezo por seus conhecimentos, suas vivências e suas experiências. Como parte de uma educação libertadora, é de extrema importância a participação dos sujeitos nos processos de educação não-escolar, como também, a ressignificação dos processos de educação escolar, pois a escola não pode passar despercebida, já que as ações com as juventudes caminham não só nos arredores, mas também, por dentro da escola. E isso ressignifica o próprio processo de escolarização.

Nessa perspectiva, pelo menos três frentes de trabalhos com juventude e escola puderam ser identificadas durante a sistematização, apresentadas a seguir:

### Campanha de fortalecimento da vida na agricultura familiar

A Campanha de Fortalecimento da Vida na Agricultura Familiar, cujas atividades são conhecidas por mutirões, é uma das iniciativas da AS-PTA e do Polo Sindical da Borborema, a partir de uma lógica que entende a formação como um processo contínuo e que objetiva envolver toda a família. A Campanha nasceu no ano de 2002 quando a mesma se concretizou na forma de um projeto específico para trabalhar o tema da agroecologia com a infância e a juventude.

A campanha acontece na forma de mutirões, que são realizados nas comunidades uma vez a cada semestre. Cada semestre é trabalhado um tema da agricultura familiar com base na agroecologia. Os conteúdos são baseados na realidade das crianças dentro do contexto da agricultura e da vida no campo. Já foram abordados temas como: a natureza e os animais da mata, as sementes da agricultura, a reciclagem do lixo, a fertilidade do solo, a estocagem de alimentos para os animais, a estocagem de água, entre outros. Há sempre muito cuidado com a escolha dos temas e a metodologia que os mesmos são trabalhados nos encontros da campanha, pois os mesmos são aprofundados posteriormente na escola.

Pela aproximação com a comunidade e a participação de algumas professoras, percebe-se que a construção de uma relação mais contextualizada entre escola/comunidade/escola é um processo e que não se encerra com a atividade, como podemos perceber, de acordo com o relato abaixo:

Cada encontro dessas crianças é um tema trabalhado, ligado ao próprio convívio dele. Quando se fala da mãe terra, quando se fala da agricultura, quando se fala da fauna e da flora, de preservar o meio ambiente, de como cuidar da água. E então, são temas que se traz para a criança já crescer se preparando para a vida, sabendo proteger a natureza (liderança da comunidade rural de Lagedo, 2011).

As professoras apresentam indícios de que essa relação escola/comunidade/escola é fortalecida nos processos escolares que elas conduzem por participarem dos Mutirões, ou seja da Campanha de Fortalecimento da Vida:

A importância que eu vejo como professora é porque tudo que é trabalhado aqui termina na escola, assim, tudo que a criança vivencia ela reflete em sala de aula e todo tema que é trabalhado reflete na sala de aula. Nada é desconhecido do que a gente também trabalha, por ser uma escola da zona rural. Mostramos sempre pra eles o valor que tem o campo, o lugar que eles moram, o valor que tem de cuidar dessa natureza. Então eu acho importante essa união porque o que eles veem aqui nessas duas vezes do ano nesses dois encontros, tem o ano todo pra gente tá reforçando e tentamos absorver deles... o que eles aprenderam aqui durante o dia do mutirão. (professora do Ensino Fundamental em Gameleira, 2012).

Aqui, é pertinente a interrogação de Freire (2004, p. 154): “Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos e da comunidade em geral?” Este questionamento aponta que a atitude dessas professoras, por fazerem parte desse contexto e da cultura local, não é fruto da espontaneidade ou do ato vocacional delas, mas algo construído socialmente, a partir de uma concepção educacional direcionada pelo próprio convívio comunitário.

### Agroecologia e Educação para Convivência com o Semiárido

Esta iniciativa faz parte de um projeto de extensão que tem como objetivo realizar ações socioambientais e culturais com estudantes de escolas públicas em ambiente escolar, com os temas da agroecologia, da educação ambiental e da Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro. O projeto nasceu do entendimento da importância de tais temas na formação dos sujeitos em ambientes escolares; da necessidade de incentivar a discussão de tais temas que inclusive já fazem parte de leis estaduais e nacionais, além de algumas carências que determinadas escolas têm em tratar de tais temas.

A partir do projeto, já se percebem mudanças de comportamento dos educandos no que diz respeito à valorização do ambiente de vivência, o que tem alterado a concepção dos mesmos a respeito do campo que, atualmente, é mais reconhecido e valorizado. O Projeto contribuiu, ainda, para fortalecer o exercício da cidadania, solidariedade e cooperação entre escola e comunidade escolar.

### Intercâmbios

Os intercâmbios consistem em estratégias de socialização prática e teórica de conhecimentos. Eles acontecem quando os jovens identificam necessidades específicas de aprendizagem e passam, então, a pesquisar onde há uma experiência consolidada sobre tal necessidade, seja de caráter produtivo ou organizacional, para que o intercâmbio possa ser realizado. Muitos desses intercâmbios são realizados em experiências já desenvolvidas por grupos de jovens e/ou instituições do próprio Território, mas alguns são realizados em locais mais distantes, fora da região Nordeste, ou mesmo em outros países. Para alguns jovens, os intercâmbios com a universidade:

[...] possibilitam a democratização da universidade, permitindo que outros jovens e adultos possam adentrar na universidade, como também, os estudantes conhecem (sic) na prática como se constrói uma teoria. E mais além que isso (sic), possibilitam o despertar de outros jovens para ingressar na universidade, e ver que com estudo pode fazer uma agricultura mais rentável, saudável, com base agroecológica, discutindo o papel da juventude, da mulher do campo, discutindo o saber com os jovens agricultores que na sua infância e adolescência não viam a universidade com seu horizonte, mas sim como utopia. Pois bem, os cursos de extensão e os intercâmbios só têm a enriquecer a universidade e a agricultura camponesa (Jovem Agricultor militante do MST, PB).

É importante a realização continuada de intercâmbios de jovens do campo na universidade, mas de forma contextualizada, em diálogo com a realidade dos mesmos e sem desconsiderar a interação com os movimentos sociais do campo, que possuem dinâmicas próprias e espaços de formação e construção do conhecimento agroecológico:

Ao falar da identidade e da formação, senti como se vocês estivessem falando da minha história. Após concluir o ensino médio, decidi por fazer um curso técnico em agropecuária e graduação em ciências agrárias. [No curso tive a] percepção de que os estudantes, durante a graduação, não têm vivência no campo. A vivência ao longo de sua trajetória é um grande diferencial em sua formação. [Nas vivências percebi] a importância e riqueza da transdisciplinaridade nas construções deste movimento, como no contexto do MECA. [Percebi, ainda,] a importância de trabalhar a identidade dos agricultores, em uma formação direcionada ao campo. Além do resgate cultural (alimentar, das danças, etc). É preciso que o jovem se sinta protagonista/valorizado, e assim ele fica no campo e reconhece sua identidade (Jovem Agricultor, Associação Cultural e Agrícola dos Jovens Ambientalistas de Alagoa Nova).

Nesse sentido, corroboramos com a pedagogia da complexidade ambiental, que afirma ser possível caminhar em processos inspirados na Educação Popular, cujo pensamento complexo pressupõe o diálogo de saberes e não a ênfase nas diferenças entre saberes. O pensamento complexo pressupõe se ver no outro, o que necessita criatividade, alteridade e transcendência e não completude do ser, reintegração do ambiente e nem retotalização da história, senão pulsão de vida, fecundidade do ser no tempo (LEFF, 2003). Compartilhamos, também, da inspiração freiriana, que considera que toda e qualquer ação educativa deve ser um ato político, que ajuda o homem a tomar consciência de sua posição no mundo, a se libertar de sua consciência oprimida, a fim de participar, de forma ativa e criadora, da história e da transformação da realidade na qual está inserido (ALMEIDA e JARDILINO, 2003).

Essas inspirações teóricas, quando fortalecidas pela Pedagogia da Alternância, inspiradora de muitas experiências locais, orientam a formação e o engajamento com juventudes em várias experiências práticas, cujas falas são caracterizadas pela luta, pela valorização da identidade e pelo sentimento de ressignificação do espaço e do Território, a exemplo da transcrição abaixo:

Eu não sabia que meus pais tinham todo esse valor. Não sabia que agricultura familiar era importante. Nós não aprendemos isso na escola. Foi aqui que aprendi todas essas coisas. Agora eu sei como as pessoas do campo são importantes para toda sociedade, nós produzimos alimentos e cuidamos da natureza (Jovem agricultora).

Percebemos que as ações com as crianças e os adolescentes, permitem que os valores e os princípios fortalecedores da identidade camponesa sejam mais rapidamente reconhecidos e que as potencialidades e possibilidades dos jovens sejam despertadas mais cedo, especialmente em relação ao aprofundamento dos estudos e à necessidade de se envolverem em ações coletivas, que contribuam com a organização comunitária e com o fortalecimento da identidade do campo.

O olhar da escola sobre o modo de vida camponês, sobre as experiências dos sujeitos que estão no seu entorno e a expectativa que eles têm dela, demanda uma atuação peculiar e específica para cada realidade, o que gera significado na vida de todos os envolvidos. A incoerência alienante que alimenta a relação medíocre em alguns casos escolas/comunidades/escolas, é responsável pela reprodução do “desacreditar em nós” e da nossa capacidade de transformação, assim como é responsável pela nossa desesperança de um mundo melhor, menos desigual e mais belo (ARAÚJO, 2014, p. 74).

Entendemos que o saber da experiência não é ensinado, mas deve ser valorizado, pois se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao que nos acontece. Não podemos perder a possibilidade de entender quem somos enquanto sujeitos, não devemos ver com pequenez o que fazemos e, muito

menos, deixar de expor as nossas vivências e as nossas experiências, como afirma Araújo (2014, p. 74). Para Bondía (2002, p. 26), o saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. Não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem sentido do que nos acontece (BONDÍA, 2002, p. 27).

É nessa lógica que comungamos com a definição de educação abordada por Brandão (2003), em que ele diz: “A educação é muito mais que um processo formal de ensino ou um sistema centralizado de poder; ela existe livre entre as pessoas e torna comum aquilo que é comunitário como bem coletivo”. Portanto, cada indivíduo deve ser sujeito de sua própria educação e não ser apenas o objeto dela (FREIRE, 1975). De acordo com Freire (1975, p.39) "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens e as mulheres se educam entre si, mediatizados pelo mundo".

## A emancipação política e econômica

A opção estratégica de fortalecer a dimensão técnica instrumental e econômica, essenciais às juventudes camponesas, tem demonstrado avanço peculiar no processo de afirmação das muitas possibilidades de resistência dos jovens no campo. A partir de estudos vocacionais de zoneamento econômico e ecológico do Território e subsidiados pela gestão adequada do conhecimento na lógica de valorização de processos econômicos solidários, várias temáticas como apicultura, viveirismo, caprinocultura, comercialização da produção, gestão social e fabricação de bolos e doces, passaram a ser temas de capacitação, com o objetivo de assegurar a autonomia dos jovens.

Para eles, o desafio de consolidar os espaços de participação da gestão da unidade familiar de produção passa pela incerteza quanto ao futuro acesso à terra em quantidade suficiente à reprodução social. Geralmente, o tamanho das unidades familiares de produção no Território é pequeno e inviável economicamente para a partilha das terras entre os filhos. Aliado a esse fator, os jovens têm mencionado as dificuldades em participar do gerenciamento, das tomadas de decisões e do planejamento do sítio (unidade produtiva) advindas do patriarcado, corroborando com Oliveira et al. (2014):

A falta de acesso à terra não é o único elemento que contribui para a saída dos jovens do campo. A falta de voz em relação à tomada de decisões e participação nos lotes da família tem se mostrado como um elemento intrínseco a essa decisão de abandonar o campo. Vemos assim, que sair do lote se torna uma alternativa que o jovem encontra para ter renda própria, pois, longe dos pais e do trabalho familiar a renda gerada através do seu trabalho é dele mesmo, e sair do lote significa também a tentativa de se desprender do patriarcalismo na busca por autonomia (Oliveira et al., 2014, p. 148-149).

Além da capacitação técnica, é essencial o processo de organização em formas coletivas e participativas de atuação social, tais como os Fundos Rotativos Solidários e as Feiras Agroecológicas, que permitem aos jovens protagonizar novas esperanças e construir novas realidades, como podemos observar nas falas de três jovens, a seguir:

Foi uma porta muito importante aberta aos jovens, a gente vê depois destas atividades os jovens interessados na comunidade, cheios de esperança de desenvolver estes trabalhos em suas comunidades e envolver outros jovens.

Muitas vezes o jovem era visto só como ajuda aos pais. Hoje é reconhecido o trabalho. Hoje em dia a gente tem orgulho de dizer que é jovem agricultor, antes a gente tinha vergonha de se expressar, até mesmo na escola.

Foram de muita importância também para o meu município, antes não tinham jovens do Sindicato dos Trabalhadores Rurais a frente das atividades e hoje, temos jovens à frente, sindicalizados, participando dos Fundos Rotativos Solidários (FRS), de programas de rádio (Jovens, Ala Jovem do Polo).

Com o crédito rotativo, cada jovem recebeu um animal, uma cabra, uma galinha, o que foi essencial para que o jovem conquistasse, passo a passo, a sua autonomia, não somente financeira, como também de tomar decisões sobre aquilo que se diz seu. Independência para definir as suas próprias estratégias, para reproduzir o que se tem e o aprendizado que se adquire quando lhes é dada a responsabilidade de cuidar do animal, de garantir a sua alimentação e de fazer com que se multiplique. Gerenciar o fruto de seu trabalho e conquistar a renda a partir deste são muito importantes para os jovens.

### Juventudes do território da borborema em marcha

Ao longo da sistematização das experiências do Núcleo de Agroecologia da UFPB Bananeiras, observou-se o quanto o mesmo contribuiu e contribui, efetivamente, com o processo de educação transformadora desencadeado em processos articulados territorialmente, o que resultou na contribuição para o ensino, a pesquisa e a extensão de forma a efetivar a movimentação das juventudes organizadas em processos populares e contextualizados com o fortalecimento da agricultura familiar camponesa de base agroecológica.

Os enfrentamentos das juventudes são explícitos em prol de ações emancipatórias que não comungam com a subserviência e a subalternidade, promovem a autonomia e ampliam as capacidades intelectuais e operacionais dessas mesmas juventudes. As principais linhas de atuação da juventude do Território da Borborema têm caráter organizacional em redes e envolvem o empoderamento de conteúdos relevantes, tais como: o acesso à terra e democratização da riqueza; cultura e lazer; gênero; organização política e social; controle social das políticas públicas; instrumentalização técnica em manejo sustentável dos sistemas de produção; e comercialização da produção agroecológica.

E é assim que caminhamos em marcha com essas juventudes que constroem, a cada passo, dias mais possíveis de serem vivenciados em uma utopia concreta, a qual requer que, para ser e estar no mundo, é preciso participar da construção do conhecimento e partilhá-lo entre as gerações. Além disso, esse conhecimento deve ser agroecológico, no sentido mais profundo do que se entende por agroecologia.

### Agradecimentos

À RENDA (Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia), à Ala Jovem do Polo Sindical da Borborema, ao Polo Sindical da Borborema, à AS-PTA, à Catequese Familiar, à RESAB (Rede Educação do Semiárido Brasileiro), ao MECA, ao NERA/UEPB, a ACAJAMAM, ao CNPq, CAPES, ao PROBEX/UFPB e PIBIC/UFPB.

### Referências

- ALMEIDA, C. R. S. de.; JARDILINO, J. R. L. **Fundamentos freireanos para uma discussão sobre as competências na formação de professores**. Volume 1. Disponível em: [www.paulofreireinstitute.org/freireonline/volume1](http://www.paulofreireinstitute.org/freireonline/volume1). Acesso em: 15 Dez. 2003.
- ARAUJO, Albertina Maria Ribeiro Brito de. **Educação do campo – campos de disputas: um estudo de caso nas comunidades rurais de Ribeiro, Lagedo e Gameleira – Alagoa Nova/PB**. 2014 (Tese de Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 185p.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. n. 19. Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação**. São Paulo: Cortez, 2003.
- COSTA, M. R. C. **O futuro profissional entre o rural e o urbano: um estudo de caso sobre a juventude rural no município de Morro Redondo-RS**. 2011. 119f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pelotas. Pelotas-RS, 2011.

- DOTTO, F. **Fatores que influenciam a permanência dos jovens na agricultura familiar, no estado de Mato Grosso do Sul**. 2011. 113 f. Dissertação (mestrado em desenvolvimento local). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2011.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. Orelha e apresentação por Ana Maria Araújo Freire. Prefácio de Edna Castro de Oliveira. São Paulo: ANCA/MST, 2004.
- FREIRE, P. **Reforma agrária, transformação cultural e o papel do agrônomo educador**. In: Sousa, A. I. **Paulo Freire: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2001. p. 305-315
- FROELICH, J. M. et al. **Êxodo seletivo, masculinização e envelhecimento da população rural na região central do RS**. *Ciência Rural*, v.41, n.9, 2011, p. 1674-1680.
- HOLLIDAY, O. J. Para sistematizar experiências. Tradução de: Maria Viviana V. Resende. 2. ed. – Brasília: MMA, 2006. p. 128.
- KUMMER, R.; COLOGNESE, S. A. Juventude rural no Brasil: entre ficar e partir. **Rev. Tempo da Ciência**, v. 20 n. 39, 2013, p. 201-220.
- LEFF, E. **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003. 342p.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Importância da juventude rural ganha destaque em seminário**. MDA, 2014. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/import%C3%A2ncia-da-juventude-rural-ganha-destaque-em-semin%C3%A1rio>. Acesso em: 13 dez. 2015.
- OLIVEIRA, L. B. et al. Permanecer ou sair do campo? um dilema da juventude camponesa. **Revista Pegada**, vol. 15, n.1, 2014, p. 336-350.
- PUNTEL, J. A. et al. Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo. **Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos**. Brasília-DF, 2011, p. 20.
- RENDA**. Disponível em: <http://renda-ne.blogspot.com.br/>. Acesso em: agosto de 2017.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- SILVA, J. R.; BATISTA, C. W. S. Juventude rural e agricultura familiar: os determinantes da escolha profissional e os desafios para a formação de uma nova geração de agricultores no município de São Sebastião – AL. **Revista Científica do IFAL**, n. 2, v. 1, 2011, p. 79-90.
- MECA**. Disponível em: <http://mecaufpb.blogspot.com.br/2010/05/estatuto-do-meca-ufpb.html>. Acessado em: agosto de 2017.
- TROIAN, A. Jovens, continuidade ou extinção da agricultura familiar? In: **Anais IV Jornada Internacional de Políticas Públicas (IV JOINPP) "NEOLIBERALISMO E LUTAS SOCIAIS: perspectivas para as Políticas Públicas**. São Luís-MA. 2009. P. 10.
- VIEIRA, A. M. T. S. **Intervenção universitária: Formação de uma juventude rural atuante nos processos de desenvolvimento sustentável de suas comunidades**. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Licenciatura em Ciências Agrárias. Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias. Universidade Federal da Paraíba, 2010. 53 p.